

RELATÓRIO À COMPANHIA VALE DO RIO DOCE
março de 1986.

A SITUAÇÃO ATUAL DOS ÍNDIOS XIKRIN DO BACAJÁ - PARÁ
ASSISTÊNCIA AO PROJETO DE APOIO FERRO-CARAJÁS
(2º RELATÓRIO)

Lux Vidal
Universidade de São Paulo

Cronograma de Campo

<u>D I A</u>	<u>L O C A L</u>
05.02.86	Carajás - Bacajá
13.02.86	Bacajá - Carajás
14.02.86	Carajás - Belém
15.02.86	Encontro com o Delegado da 2ª Dr. FUNAI
16.02.86	Belém - S.Paulo

Introdução

Durante a minha primeira visita ao P.I. Bacajá, em julho - agosto de 1985 algumas coisas tinham ficado claras, após um minucioso levantamento feito in loco e uma discussão com os índios com relação ao Projeto:

- a) A questão da terra precisava de uma reconsideração urgente.
- b) Além dos recursos da manutenção, que naquela época haviam sido gastos para pagar as dívidas na praça de Altamira, os índios estavam sem espingardas, munição, ferramentas e material de pesca. A compra destes itens foi considerada prioritária.
- c) Insistiram para que fosse adquirida uma voadeira com motor para o deslocamento rápido de doentes do P.I. Bacajá até Altamira.
- d) O Dr. João Paulo também elaborou um relatório sobre a saúde, considerando como prioridade absoluta a contratação de uma enfermeira, o envio de medicamentos e uma melhoria na construção da farmácia.

Quando cheguei no dia 5 de fevereiro de 1986 pude constatar o seguinte: o grupo, de modo geral, estava em bom estado de saúde e havia uma abundante produção de alimentos. Os índios já haviam iniciado a coleta da castanha do Pará.

A equipe volante de saúde do Projeto estava na aldeia, e tive a oportunidade de conversar com o médico, o Dr. Fernando, chefe da equipe. Havia na aldeia um atendente de enfermagem, o Sr. Dorival, que deveria ficar no Bacajá até a contratação da nova enfermeira.

O Posto da FUNAI, por outro lado, estava meio abandonado, com relação ao ano anterior. O chefe de Posto, Sr. Antônio, havia sido expulso pelos índios sob a alegação de que ele teria desviado recur-

sos dos índios.

O caso estava sendo apurado e tudo indica que houve um mal entendido e possivelmente (má administração) dos recursos por parte da Ajudância de Altamira.

O novo chefe de Posto, o índio Charles Campa, havia assumido durante 2 semanas, viajando para Marabá em busca de esclarecimentos com relação aos recursos disponíveis e voltou comigo, no helicóptero da CVRD. No dia 09.02.86, após o carregamento do barco de castanha, ele desceu com o braçal André Gorotire, e mais dois índios, o Manoel Gavião e o Pato, para Altamira.

Durante o pouco tempo que tivemos para conversar juntos e com os índios, ficou estabelecido o seguinte:

- a) Precisava ser articulado o acompanhamento dos índios pela demarcação da "Área Indígena Xingu-Bacajá."
- b) Os índios queriam uma renda justa pela safra da castanha.
- c) Pediram que lhes fossem entregues os itens programados no ano anterior e que constam de meu 1º relatório, isto até o fim de março de 1986.
- d) Não ficou claro para os índios, nem para nós, de como foram gastos os recursos do item manutenção, com relação às tabelas de recursos liberados, fornecidas pela CVRD aos assessores.

No dia 07.02.86 chegou ao Bacajá, em avião fretado pelo antropólogo William Ficher, que está desenvolvendo uma pesquisa de ecologia cultural, a professora Angêla. Estava ainda se recuperando de uma operação ginecológica recente, e seu marido, o braçal José Carlos, havia ficado em Belém, acometido de doença grave e sem condições de voltar, por enquanto, ao Bacajá. A professora ficou um pouco decepcionada pelo fato de não terem sido incluídas na programação da FUNAI, nenhuma de nossas recomendações anteriores. Desde o mês de outubro de 1985 a bomba de água estava quebrada, o

que deixou os índios e a farmácia sem água potável. E agora, na estação das chuvas já começaram a aparecer vários casos de diarreia.

As casas do Posto estão bastante danificadas e com ar de abandono total.

Como a aeronave da FUNAI estava em pane, a EVS se deslocou para Altamira no dia 07.02.86, no mesmo avião. Seria oportuno, reembolsar com os recursos do Projeto, metade das despesas de frete aéreo ao antropólogo William Fisher, considerando o alto custo das viagens aéreas.

Realizei um levantamento minucioso sobre a situação atual deste grupo. Consegui, com a ajuda de William Fisher e da professora Angêla, fazer um levantamento atualizado das casas da aldeia, da população com os nomes grafados corretamente e idade aproximada. Estas fichas se encontram no P.I. Bacajã, para o uso do Posto e dos médicos.

Os registros de nascimento e óbitos não são efetuados sistematicamente e o arquivo da farmácia precisa ser constituído.

Iniciamos uma pesquisa sobre as relações de parentesco entre os Xikrin do Cateté e os do Bacajã.

Conversei longamente com o índio Tucum da aldeia do Trincheira.

Não fizemos, desta vez, nenhuma programação nova para 1986, a não ser reivindicar a execução do que foi programado para o segundo semestre de 1985.

I - Dados Demográficos - fevereiro de 1986

População do P.I. Bacajã	146	personas
Aldeia do Trincheira	38	personas (?)
Migração para o Cateté:		
	1984	11 personas
	Janeiro de 1986	5 personas

Os individuos que emigraram para o Cateté estão computados naquela aldeia.

Não fiz um levantamento do Trincheira porque não consegui viajar para aquela aldeia.

A aldeia do P.I. Bacajá é constituída de 19 casas e 28 famílias nucleares.

II - As Aldeias

Acentua-se cada vez mais a relação entre o P.I. Bacajá e o P.I. Kateté, através de visitas recíprocas (por via aérea), de comunicação por rádio (diária e em língua (kayapó), e através da migração de pessoas do Bacajá para o Cateté.

Os Xikrin do Cateté arcam com os gastos de frete aéreo e compram presentes, em Tucumã, para os visitantes do Bacajá.

Também opinam, por rádio, sobre questões do P.I. Bacajá, como por exemplo questões relativas ao Posto, aos garimpos e às relações com outros grupos Kayapó. Por falta de recursos os Xikrin do Bacajá não possuem essa capacidade de autonomia e poder de controle.

Fica claro que na conjuntura atual uma análise das relações intra-tribais e especialmente entre os diversos grupos Kayapó é tão importante e significativa quanto o estudo de suas relações externas. Os dois níveis de articulação estão intimamente ligados.

Percebe-se nitidamente que o grupo do Trincheira está bem estabelecido no novo local escolhido por eles, a jusante da Reserva, no médio Bacajá e próximo ao antigo Posto.

Construíram suas casas assim com uma enfermaria e uma escola com a esperança de poder contar com um atendente de enfermagem, já que a aldeia conta com 20 crianças, e uma professora. Possuem boas roças e vivem da venda de peixe, produtos da roça e frutas do mato. Comercializam os seus produtos à beira do rio Xingu (abaixo de Altamira), no lugar de um garimpo chamado "Fazendinha" com 5.000 homens

trabalhando. Dizem obter um bom preço para seus produtos. São os mais jovens do grupo que ficam incumbidos destas viagens comerciais.

Ao mesmo tempo, conservam ainda a sua roça do Pirarara, a margem direita do Bacajã e a montante da aldeia fazem assim uma vez por mês, ou uma vez a cada dois meses, uma viagem fluvial até esta roça, pernoitando na aldeia do Bacajã, onde eles possuem uma família que consideram os "seus representantes" na aldeia. Estes se encarregam de recolher os produtos da roça do Pirarara, fazem a farinha de mandioca que depois é entregue ao pessoal do Trancheira e recebem, em troca, quando estes sobem o rio produtos de suas roças e que apenas distribuem entre aqueles que consideram os seus parentes. No verão, esta família de "representantes" desce o rio e passa a viver durante algum tempo no Trancheira. Tucum me disse que a melhor coisa que ele fez foi segurar aquela posse. Estão satisfeitos e com uma boa produção. Ele apenas reclama do preço da gasolina. Ele precisava de 500.000 cruzeiros (fev. de 1986) para cada viagem ao P.I. Bacajã, e me disse que pagava com o seu suor. Por isso queria reduzir as viagens ao estritamente necessário; não possuem pista de pouso, dependendo apenas do transporte fluvial.

III - A Questão da Terra

Após a minha viagem ao Bacajã, alertei no meu relatório à CVRD de setembro de 1985 sobre os erros cometidos na demarcação da Reserva Bacajã. Estes índios ocupam área muito maior do que a demarcada. O rio Manezão, onde existe hoje um garimpo, não ficou incluído. Pior ainda, a maioria dos castanhais ficaram fora dos limites, a montante e especialmente a jusante da Reserva (vide relatório nº 1). Na área do Xingu-Bacajã existem mais 3 grupos indígenas, os Asurini do Koatinemo, os Araweté, os Parakanã do Bom

Jardim, além dos Xikrin do Bacajã. Existe uma proposta antiga da FUNAI para a demarcação de uma área conjunta e contínua, incluindo os Asurini, Araweté e Xikrin (os Parakanã constavam apenas como um grupo arredio). (Processo FUNAI /BSB/ 0707/79- com mapa detalhado) - diante da urgência de se demarcar uma área adequada para estes 4 grupos, os antropólogos que trabalhavam com eles, apresentaram à FUNAI uma proposta conjunta: "Área Indígena Xingu-Bacajã".

Esta proposta foi endossada pela CVDR, através de carta enviada ao Presidente da FUNAI em 27.11.85, e a seguir pela própria FUNAI, pelo menos verbalmente em reunião mantida em Brasília no dia 26.11.85. Mantivemos um contato com o grupo de terras indígenas do Mirad que também ficou informado da proposta apresentada à FUNAI.

Esperamos ainda um encaminhamento formal da proposta por parte da FUNAI. Espera-se também um apoio decisivo por parte da CVDR e do Banco Mundial, além dos índios e entidades de apoio.

Na aldeia do Bacajã, na noite do dia 06.02.86, houve, a luz de nossas lanternas, uma reunião formal na casa do chefe Onça. Abri no chão o mapa. Expliquei aos índios como a proposta tinha sido encaminhada e de como pensávamos acompanhar o processo, assim como a parte que lhes caberia. Provavelmente, um pouco mais adiante, será necessário que alguns índios se desloquem até Brasília para acompanhar o processo junto à FUNAI, Ministério do Interior e Mirad.

Por outro lado, a proposta também teve o apoio total do grupo do Trincheira cuja área de ocupação é limitrofe com a área da Reserva e poderá assim, ser incluída na nova proposta. Dizem que estão empenhados em controlar o rio, naquele local, não deixando ninguém navegar a montante do Trincheira, informando que se trata de área indígena. O Tucum me disse que seria oportuno colocar algumas placas

ao longo do rio. Ao que parece os garimpeiros, por causa deste controle, não usam mais o rio, e se deslocam para o Manezão por via aérea, apenas.

O Sr. Salomão, delegado da FUNAI em Belém, também se pronunciou a apoiar a proposta da área indígena Xingu - Bacajá e ele me disse que o próprio governador do Estado do Pará estaria a favor. É de suma importância que haja um apoio efetivo e um empenho sistemático para que se demarque o mais rapidamente possível esta área indígena antes do início das obras de construção das hidrelétricas do Xingu.

IV - Saúde

Houve uma melhora no estado de saúde dos índios, devido à redução de ocorrências de malária e à boa produção das novas roças, não faltando mais produtos agrícolas. Entre o mês de outubro de 1985 e Janeiro de 1986 foram registrados apenas 7 casos de malária. As casas são limpas assim como o patio da aldeia. Como já mencionei, a bomba de água estava há meses estragada, deixando os índios sem água potável. Algumas crianças, orfãs de pai e mãe, estavam muito magras e subnutridas. Precisaríamos, através da enfermaria, um acompanhamento e possivelmente um apoio alimentar a estas crianças.

Na farmácia faltava água encanada e produtos de limpeza. Também faltavam certos instrumentos e medicamentos há muito tempo pedidos pelo Dr. João Paulo, mas que devido a atual inoperância do projeto, nunca chegaram ao Bacajá. É importante construir uma enfermaria e farmácia pequenas e simples (vide proposta do Dr. João Paulo), com o mínimo de higiene e água encanada, assim como a remessa periódica e criteriosa de remédios.

Possivelmente seria preciso um atendente para a aldeia do Trincheira.

A EVS do projeto também faz visitas periódicas aos

Araweté, Asurini do Kokaotinemo, Arara e Kararaô.

V - Educação

Quando cheguei, a sala da escola estava servindo como depósito para a castanha. Em março seriam reiniciadas as aulas e de comum acordo com o chefe Onça, apenas para as crianças.

Falta construir uma escola, simples mas adequada (vide fotografias do Dr. João Paulo de escolas na região do Polonoroeste). Faltava todo e qualquer material escolar. A professora Angêla continuava disposta a dar aulas de costura e continuava disposta para qualquer reciclagem pedagógica. Por enquanto, o único índio que sabe ler e escrever é o Manoel Gavião.

Não houve por parte dos responsáveis da execução do projeto CVRD/FUNAI nenhuma iniciativa para melhorar o programa educativo. As professoras estão sob controle da FUNAI e submetidas a programas estabelecidos pela Fundação. Recebem um salário de auxiliar de ensino, apenas.

O projeto artesanato também não recebeu nenhum apoio, apesar de uma grande expectativa por parte dos índios.

VI - Equipamentos do Posto - Atividades Economicas

- . O posto está em estado muito precário e precisaria de uma reforma urgente.
- . A parte sanitária também deixa a desejar.
- . Precisam de uma voadeira e um motor Johnson 25 HP, para deslocamentos rápidos a Altamira.
- . Os índios estavam apreensivos porque nenhum dos itens programados em julho de 1985 haviam sido fornecidos.

Insistiram no envio urgente das ferramentas agrícolas , espingardas, cartuchos e material de pesca. Também não receberam nenhum apoio do projeto para a safra da castanha tal como foi programado (vide relatório nº 1).

Os índios estavam apreensivos, por outro lado, com relação à venda de castanha. Falta um planejamento adequado para esta atividade e mesmo uma pesquisa sobre a viabilidade econômica de cada safra. No dia 07.02.86 carregaram o barco de castanha, previamente lavada e medida. Cada índio contabiliza a sua produção que é registrada, por escrito, pelo índio Manoel Gavião. Havia ao todo 127 caixas. Realizam de 3 a 4 viagens por safra.

As roças por sua vez, estavam em plena produção, mandioca, batata, banana em abundância, abobora, inhame e uma grande quantidade de milho, em parte comercializada. Colheram também um pouco de arroz, plantado dos dois lados da pista de pouso. Com a saída do chefe de Posto Antônio, não houve a implantação do pomar. Durante o mês de fevereiro os frutos do mato mais consumidos eram a bacaba e dois tipos de inga. A caça era abundante, a pesca, entretanto é menos produtiva no inverno passando a ser o alimento principal na época da seca.

VII - A Vida Tribal

Os Xikrin do Bacajá vivem aparentemente um período de relativa tranquilidade. Os grandes traumas são do passado e as mudanças drásticas ainda não chegaram, a aldeia é pouco numerosa, sem grandes problemas de faccionalismo político.

Há dois chefes, o Onça e um chefe novo, o Domingos. de noite os homens se reúnem no ngobe e cedo de manhã, geralmente, na casa do Onça. Nesta época do ano, os homens usam cedo, de canoa, para os castanhais e voltam de tarde com os produtos da coleta e caça, as mulheres os esperam a beira do rio e carregam os produtos para a aldeia. Os Xikrin do Bacajá são alegres e bem humorados. Depois do

banho os jovens gostam de jogar futebol na praça. As mulheres vão à roça e de tarde apanham lenha. Como já coloquei em relatório anterior, elas tem menos filhos do que as mulheres do Cateté, trabalham menos e são menos desgastadas fisicamente.

Fazem pouco artesanato, mas tinham caçado araras e um gavião para o fornecimento de penas, pensando em realizar um Mēreremei, festa de nominação.

Iniciamos um estudo sobre as relações de parentesco entre os Xikrin do Cateté e os do Bacajá para esclarecer melhor a história destes grupos, assim como dos Kararaô com os quais conviveram durante um certo tempo. Dizem não ter parentes entre os Gorotire mas se relacionam com os Kokraimoro e Mekranoti. Também de grande interesse será acompanhar o desenvolvimento do grupo mestiço (Kararaô - Civilizado - Xikrin) da aldeia do Trincheira.

Recolhi varios cantos femininos assim como o canto masculino da anta, na sua íntegra e que é a reprodução musical dos mitos referentes a este animal e aos Xamãs ancestrais, criadores das antas e com poderes de se comunicar com elas, trazendo o saber do mundo da natureza para o conhecimento dos homens.

VIII - Acontecimentos

- A saída do chefe do Posto Antônio e a sua substituição pelo índio Charles Campa, é algo que não me pareceu ainda bem esclarecido.
- Há, indubitavelmente, maior contato entre os Xikrin do Bacajá e do Cateté. Do ponto de vista da possibilidade de adquirir bens industrializados existe um deséquilíbrio entre as duas aldeias, o que permite ao Cateté maior mobilidade e poder de iniciativa. Houve durante o mês de janeiro e fevereiro várias visitas de uma aldeia para a outra e cujo frete aéreo foi sempre pago pelos Xikrin do Cateté. Os jovens que emigraram para o

Cateté não querem voltar ao Bacajã, Quando trazem um visitante do Bacajã para o Cateté, oferecem-lhe também uma viagem a Tucumã para a compra de presentes, arcando com essas despesas assim como a viagem de volta ao Bacajã.

Porém, os índios do Cateté que estiveram no Bacajã, voltaram entusiasmados com aquela aldeia, com a acolhida dos parentes e a limpeza das casas e da praça. Disse o Índio Katendjo : "Eu volto passar uma temporada por aqui".

- As sucessivas migrações do Bacajã para o Cateté, continuavam entretanto, a preocupar o pessoal do Bacajã. As relações não são apenas pacíficas entre as duas aldeias. No dia 03.02.86 chegaram no Bacajã, de avião, 2 índios do Cateté, homens adultos. Quizeram levar à força uma jovem, neta de Topã (recém migrado) para o Cateté. Houve um atrito sério, especialmente com o jovem chefe, Domingos, que interferiu com energia. Seguiram-se empurrões, ameaças, enfim um confronto aberto. Os índios do Cateté estavam muito nervosos, um deles apelando para que o caso se resolvesse depressa porque o frete do avião ia encarecendo com o passar do tempo. Os do Bacajã resistiram e finalmente os do Cateté se dirigiram à sala de radio para avisar o Cateté que voltariam sem a moça. O pessoal do Posto não interferiu, acompanhando o caso de longe. Finalmente, o chefe Onça, se dirigiu à pista de pouso, com grande calma, e pediu aos dois emissários do Cateté que se retirassem e voltassem a sua aldeia.
- Uma semana depois, chegava ao Bacajã o chefe Buatié; vinha em missão de paz. Assisti à reunião com o Bill e o piloto, "o nosso piloto" como os índios o apresentam. O tempo de permanência dos visitantes depende muito do tempo de permanência possível da aeronave no solo, tomando em consideração as condições metereológicas e o tempo de voo para o retorno a aldeia e Tucumã.

- No dia 03.02.86 apareceu na aldeia um jovem garimpeiro de 18 anos que ficou perambulando, perdido na mata, por mais de um mês; trabalha no garimpo do Rio Bom Jardim, de propriedade do Sr. Jorge.

No dia 02.01.86, estando uma máquina (chupadeira) estragada, e com folga, ele foi para o mato, caçar, e não encontrou mais o caminho de volta. A sua história é longa e não cabe aqui relatar. Viajou, junto com a equipe médica para Altamira no dia 07.02.86.

IX - Continuidade do Projeto

Pede-se com urgência que seja cumprida a programação do 2º semestre de 1985.

- 1) O programa de saúde estabelecido pelo Dr. João Paulo.
- 2) O empenho por parte da FUNAI de encaminhar a proposta de Demarcação da Área Indígena Xingu - Baca já.
- 3) Que sejam construídas uma escola e uma enfermaria simples, funcional e com água encanada.
- 4) Consertar a bomba de água do poço.
- 5) Antes do fim do mês de março, remeter com urgência, os seguintes itens.
 - a) para pesca 30 caixas de anzóis de vários tipos;
 - b) 20 espingardas de calibre 20 e 20 caixas de cartuchos por bimestre;
 - c) 30 enxadas, 10 cavadeiras, 5 caixas de lima, 100 facões, 36 machados, 15 plantadeiras tico-tico;
 - d) 1 máquina de costura simples (do tipo antigo mais resistente).

e) 1 voadeira, com motor JOHNSON 25 HP, para a retirada de doentes para Altamira - (a voadeira precisa ser de boa qualidade, sol^udada e não colada, de material resis^tente).

6) Manutenção

O chefe de posto nos informou que a comunidade já estava com 20 milhões de dívidas na praça de Altamira. Não se pode pagar a dívida como lucro da castanha que deve ser entregue integralmente aos índios. Por enquanto a manutenção deve ser mantida porque os índios precisam de combustível, consertos mecânicos e certos itens como : fumo, sal, sabão, sacos de plástico para o milho etc...

A continuidade do Projeto vai depender da possibilidade ou não de estabelecer uma programação que seja em benefício dos índios e sob rigoroso acompanhamento.

O apoio que poderia ser dado à aldeia do Trincheira também precisa ser discutido.

Os índios pediram um apoio da CVRD para poder em agosto, mandar os chefes do Bacajá a Brasília com o objetivo de acompanhar o processo de pedido de demarcação da área indígena Xingú-Bacajá.

A pouca atenção dada ao projeto de apoio pela CVRD e FUNAI durante o ano de 1985 foi extremamente prejudicial ao desenvolvimento adequado da programação. Pedimos à CVRD que agilize o andamento deste projeto que, por exemplo, no caso do P.I. Bacajá tem objetivos claros e totalmente realizáveis.